ANO 9.º — Sexta-feira, 24 de Novembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 449

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—— (*) ——
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Os monarquicos

No domingo realisou-se em Lisboa uma reunião dos directores dos jornaes monarquicos, convocada pelo sr. Aires de Ornélas para lhes dar conhecimento duma mensagem do ex-soberano D. Manuel, na qual *Sua Magestade*, como pomposamente chamam ao rei banido do dominio português, examina a situação politica interna e externa do país, fazendo vêr como todos os problemas nacionaes se subordinam neste momento absolutamente á questão da guerra. Por este motivo—está o snr. Ornélas na leitura da mensagem—recomenda o snr. D. Manuel á imprensa monarquica o proseguimento na atitude de firme e decidido apoio á politica da aliança inglêsa, lembrando que ela foi obra dos reis e dos estadistas monarquicos, renovada pelo grande monarca que foi seu sempre chorado pae e que por isso aos monarquicos, mais que a ninguem, cabe o direito de a reivindicar como base do programa da nossa politica externa. E preconisando a união de todos os monarquicos em torno do rei—ainda é ele que lê—*Sua Magestade* recomenda ao mesmo tempo a mais completa unidade de acção na imprensa monarquica, de fórma a dar-se ao publico a impressão, perfeitamente exata, que constituimos de facto a maior força politica do país, e de novo recomenda a inteira abstenção dos monarquicos em qualquer movimento revolucionario durante a guerra.

Positivamente os vassalos do fugitivo da Ericeira que mais comprometeram o velho regimen substituido em 5 de Outubro, que por falta de força não conseguiram ampara-lo nem defende-lo da derrocada que dia a dia lhe tornava iminente a queda, positivamente, diziamos, os vassalos do fugitivo da Ericeira andam a mangar comnosco. Nem outra coisa se depreende da reunião que tiveram, das impressões que trocaram, dos assuntos que discutiram. Querem-nos fazer vêr que são um partido organisado, quando não passam duma patrulha, organisada é certo, mas como elemento de provocação e desordem, em que teem sido eximios não obstante os protestos levantados deante dos seus inexplicaveis manejos.

E atrevem-se a falar grosso, a falar de papo!

Se não fosse mangação tudo isso que vimos relatado nos jornaes ácêrca do que se passou na reunião de domingo, convocada pelo *representante de El-Rei*, certamente que a nossa primeira pergunta seria esta: mas que querem agora os monarquicos se já deram todas as provas de moralidade e de cobardia de que são capazes? Restabelecer o trono, o regimen da falperra, dos adiantamentos, da orgia e do calote?

Ora adeus. Outra vida.

Colheres, colheres, vão fazer colheres...

Films...

Bela prosa

Um colaborador da *Resistencia*, de Coimbra, descreteando sobre tradições e praxes academicas que alguns sugeitos pretendem restabelecer, escreve este preambulo de se lhe tirar o chapeu:

> A falta de caracter e de lealdade dos profissionais da politica tem sido a causa primordial do nosso atraso e da nossa desmoralisação civica. Não temos fé patriotica, porque nos abalaram a confiança nas solenes afirmações e na probidade desinteressada dos dirigentes. A politica—um monturo, como dantes!...
>
> Assim se têm pervertido as energias da vida colectiva, pelas suspeições da hipocrisia e da mentira. A parte da nação que—ainda bem!—conserva as qualidades especificas é o povo, que não foi possivel castrar de todo, pelo abuso tiranico da repressão monarquica e da policia correcional.
>
> E' das classes superiores, incapazes de sacrificio por um ideal patriotico, scepticas até á medula, astuciosas e egoistas até á depravação, que dimana o nosso mal estar. E assim se explica a covardia com que os fracos, neste momento de perigo, se agarram ás paredes, em paroxismos de terror!...
>
> . . . .

O autor encima estes belissimos periodos, que são hoje o sentir de grande numero de republicanos, com o titulo de *banalidades*. Nós chamamos-lhe antes *verdades*, que se torna necessario dizer não só como desabafo, mas tambem para que o povo conheça os responsaveis pelo que se está passando.

Um mar de vinho!

Numa adega de Mato de Miranda, pertencente a um dos mais ricos lavradores da região, rebentou ha dias um deposito de alvenaría que continha cêrca de 200 pipas de vinho o qual, entornando-se, produziu uma inundação enorme. *Era um verdadeiro mar de vinho!*—dizia, em correspondencia da localidade, certo jornal de Lisboa.

Magnifica *praia de banhos* para o *Bébes* se refrescar...

Imperador da Austria

Noticias telegraficas ontem recebidas em Portugal, anunciam a morte de Francisco José, da Austria, nascido em 1830 e cuja vida foi uma ininterrupta série de desventuras como se para elas fosse predestinado.

Teve por isso um reinado verdadeiramente tragico, unico na historia das nações, podendo-se dizer que morreu amaldiçoado pela gente culta, tantas são as responsabilidades que deixa ligadas á maior guerra que tem ensanguentado o globo desde que o mundo é mundo.

Gesto nobre

Em conformidade com o que ha duas semanas transcrevemos do nosso colega de Valença, *A Plebe*, dâmos hoje a explicação dos motivos que levaram os republicanos democraticos e evolucionistas dos Arcos de Val-de-Vez a desligarem-se da politica e que o mesmo jornal, com o titulo da epigrafe, conta do seguinte modo:

> Como em nosso ante-penultimo numero dissémos, os republicanos dos Arcos, democraticos e evolucionistas, telegrafaram aos seus respectivos chefes, declarando-lhes peremptoriamente, desligarem-se da politica.
>
> Este gesto, a sua nobre atitude, já o esperávamos, pois não podiamos acreditar que eles se podessem subordinar á pressão de individuos com rótulo de republicanos, mas que só servem para dar campo franco á intensa acção dos monarquicos daquele concelho.
>
> As perseguições de que foram alvo, as afrontas que sofreram e os vexames porque passaram, são provas mais que seguras para justificar a sua resolução extrema que tão penosa lhes devia ser, dada a sua fé pela causa da Republica.
>
> Que dirão agora os chefes? Que dirão agora aqueles que foram a causa directa da sua forçada resolução?
>
> Poderão pôr em duvida o seu republicanismo e patriotismo?
>
> Certamente que não, porque só eles e mais ninguem foram os culpados deste gesto, como culpados hão-de ser de factos subsequentes que a reacção ali praticará, pois tem campo franco para tudo fazer, para cometer todos os dispautérios que a sua fantasia e respectiva sanha possa imaginar.
>
> Mas, como a causa da causa é a causa do causado, e como a causa foram os proprios chefes, que aguentem como poderem as consequencias da negligencia ou qualquer coisa parecida, emquanto aqueles nossos amigos bemdizem a hora em que se libertaram do jugo da porquissima politica.
>
> Do que temos a certeza, apezar de tudo, é que aqueles cavalheiros, dada a sua nobreza de caracter, se acharão prontos para a defêsa da Republica quando do seu esforço careça.
>
> Valha-nos Deus, senhores dirigentes...

Valha-nos Deus, não, colega. Valha-os o Diabo mais a cabeça que eles teem...

CENSURA Á IMPRENSA

Em substituição dos oficiaes reformados srs. José Antonio Domingues, Carlos Alberto da Paixão e Belmiro Duarte Silva que, por motivo de doença, foram exonerados da comissão preventiva dos periodicos e outros impressos do concelho de Aveiro, acabam de ser nomeados para o mesmo fim os srs. capitão-farmaceutico Marques da Naia, Luiz Antonio da Fonseca e Silva e Antonio Maria dos Santos Freire.

O TEMPORAL

DOIS NAUFRAGIOS

Um na Costa Nova, do vapor "Desertas„ e outro em Parâmos do patacho "Gouveia„

Mortes e outros prejuizos importantes

Assinalados dias sobreviéram este ano ao chamado verão de S. Martinho, que tão formoso se apresentou a substituir os primeiros rebates da negregada estação—o inverno. Cêdo, bem cêdo temos, pois, a registar as consequencias funestas a que já deu causa essa transformação brusca do tempo, principiando pelos dois naufragios de domingo com todo o seu lugubre cortejo de desolações, luto e dôr a acompanhar os infelizes que sobre as aguas do mar mourejam o pão de cada dia sugeitos ao maior perigo, expostos ás mais variadas contingencias da sorte.

Desde a madrugada do dia 9 póde-se dizer que jámais o temporal nos deixou, sendo, porêm, os dias em que ele se fez sentir com mais impetuosidade os decorridos até segunda-feira.

Pouco depois das 8 horas de domingo espalhou-se na cidade que um grande vapor se achava encalhado ao sul da Costa Nova do Prado e que a sua tripulação, composta de algumas dezenas de homens, corria gráve risco de perecer afogada se lhe não fôsse prestado imediato socorro, atenta a critica posição do barco. Foi esta a primeira noticia que, de chofre, nos surpreendeu ao saír de casa, dirigindo-nos logo á Capitanía em procura de pormenores ácêrca do horroroso drama.

As opiniões eram desencontradas. E estando á partir uma lancha, metemo-nos tambem dentro depois de nos ser facultada a licença e seguimos debaixo de todo o tempo ao local do sinistro. Já para lá tinham partido a Cruz Vermelha, a Guarda Fiscal, a Alfandega, e os automoveis que restavam conduziam, estrada fóra, em vertiginosa carreira, várias pessoas da cidade onde a noticia se espalhou rapidamente. Eis o que presenciámos:

Varando em terra, uns 200 metros ao sul das companhas da Costa, encontrava-se um magnifico vapor, todo de ferro, tendo içado um grupo de bandeiras como sinal de *socorro urgente*. Era o *Desertas*, ex-alemão, de 3.000 toneladas, que o mar havia arrastado até ali, cortando-lhe o destino, inutilisando-o por ventura. A tripulação, composta de quarenta e cinco homens estava salva, bem como duas senhoras, D. Virginia Martins Jorge, esposa do capitão e D. Julia Gomes Ferreira, esposa do 1.º maquinista.

O barco havia saído de Lisboa na quarta-feira com o fim de receber, no Porto, um importante carregamento de toros de pinheiro destinado a Inglaterra. Fez viagem magnifica até Leixões, mas não podendo entrar por á hora da chegada estar já fechada a barra, fez-se de novo ao mar, esperando a manhã seguinte. Durante a noite, porêm, sobreveio furiosa a tempestade e o vapor navegou até ás alturas de Viana do Castelo, tendo no entanto de retroceder pela impossibilidade de ir mais adeante. De volta a Leixões, baldadas foram todas as tentativas de entrada. O mar era um verdadeiro cachão, e o barco, que vinha em lastro, a todo o instante ameaçava submergir-se. Não se podia cosinhar. Os moveis fixos deslocavam-se com os balanços, partindo-se, inclusivamente, muitos deles. A noite que antecedeu o naufragio, então, foi de verdadeiro pavor. Só devido aos cuidadosos esforços de toda a tripulação o navio se poude aguentar até á madrugada em que fôra resolvido encalha-lo na praia, como unico recurso para salvamento de tantas vidas. O primeiro choque, formidabilissimo, chegou a convencer que o vapor se desfazia. Aos sucessivos toques da ciréne acudiu o cabo de mar, sr. Jeremias Vicente Ferreira, que, juntamente com alguns homens das companhas de pesca, entre eles Manuel Vergas, Cirino Rocha, Herminio da Nazaret e João Bernardo, prestaram aos naufragos os primeiros socorros, estabelecendo logo um cabo de vai-vem para salvamento das duas senhoras que, aflitissimas, foram conduzidas á residencia do sr. Jeremias onde lhes prodigalisaram todos os cuidados que a sua situação demandava. Dirigiam-se apenas até ao Porto, em passeio recreativo, nunca supondo que tivéssem uma viagem tão acidentada e ao mesmo tempo de tanto risco. Falámos tambem com elas e da narrativa da sua triste odissêa colhemos a impressão de quanto deviam ter sido duros e amargos os bocados até ao momento de se considerarem todos salvos.

Como dissémos, o *Desertas* devia transportar para Inglaterra uma grande carga de tóros de pinho. Era um navio bem lançado, de fundo chato, uma só chaminé e dois mastros. Tinha vindo da Madeira apreendido aos alemães, cedendo-o o governo juntamente com outros á casa Torlades por conta de quem fazia transportes.

Dos tripulantes apenas dois ou tres sofreram profundo abalo moral e destes, especialmente, devido á sua edade, o cosinheiro Eduardo Augusto Freitas. Receberam os socorros da Cruz Vermelha, que nas proximidades do local do sinistro estabeleceu dois postos servidos por alguns socios da benemerita instituição cuja presença se não fez demorar.

Quando abandonámos as proximidades do vapor, em frente do qual se conservou até á noite enorme multidão apezar dos rigores da tempestade, era a parte voltada ao mar furiosamente batida pelas vagas, que o galgavam, não conseguindo, todavía, fazer-lhe mossa, tal a resistencia do costado. No entretanto considéra-se perdido para a navegação, segundo a opinião de alguns tecnicos que o viéram examinar. E' pena.

Eis a lista completa da tripu-

lação a esta hora toda salva, talvez devido ás indicações de Manuel Ançã, natural do visinho concelho de Ilhavo e filho do velho lobo do mar Gabriel Ançã, que aí se diz ter dirigido a manobra do encalhe por fórma a não se produzirem vitimas nem tão pouco perdas materiaes de maior vulto:

Capitão: José Guerreiro Jorge, de Faro; imediato: José Domingos da Rosa Junior, de Lagoa; 2.º piloto: Belmiro Fernandes Moraes, do Faial; contra-mestre: Antonio Correia, de Lagoa; carpinteiro: José do Nascimento Souza, do Funchal; marinheiros: Francisco Rodrigues, idem; João Duarte, de Obidos; Joaquim Paquete, de Nazaret; Geraldo Costa, de Cabo Verde; Manuel Ançã, de Ilhavo; moço praticante: Carlos Assunção, de Lisboa; moços: Luiz de Freitas, do Funchal; Francisco da Silva, idem; Manuel Joaquim Coelho, idem; Augusto Gregorio Correia, idem; Antonio Inácio, de Lagoa; Emidio da Silva Gonçalves, de Setubal; 1.º maquinista: Antonio Gomes Ferreira, de Lisboa; 2.º maquinista: Domingos José Fernandes, de Olhão; 3.º maquinista: Antonio Baptista da Silva, de Lisboa; praticantes: Henrique da Silva, de Lisboa e Silverio Augusto, da Figueira de Castélo Rodrigo; fogueiros azeitadores: Antonio João Rodrigues Junior, do Funchal; Manuel Rodrigues Mirice, idem; Artur Fialho, de Alcobaça; fogueiros: Luiz de Moura, do Funchal; Pedro de Paula Pereira, de Lisboa; Antonio dos Santos Barreiros, de Torres Novas; Ricardo Ribeiro, de Ferreira do Zezere; Julio Caetano Dias, de Lisboa; Carlos dos Santos, idem; chegadores: Antonio Francisco, de Vagos; José Fragoso, da Nazaret; José Fernandes, do Fundão; Julio Claudio, do Carregal; Julio Barrois, de Viana do Castélo; Daniel Antonio Escumalha, de Setubal; dispenseiro: Domingos Maula, de Oliveira de Azemeis; cosinheiro: Eduardo Augusto Freitas, do Funchal; padeiro: José de Freitas, idem; ajudante de cosinha: Antonio Freitas, idem; criados: Sebastião Augusto Fagundes, idem; Augusto Nunes, idem; José Maria Leitão, de Vila Nova de Fozcoa.

Mal refeitos ainda da longa caminhada e das inclemencias passadas no regresso da beira-mar por efeito do temporal, que continuava desabrido, a chegar-nos a noticia, transmitida em telegrama oficial, de que outro naufragio com consequencias mais lamentaveis se havia dado pela madrugada, pois nele se enumerava como vitimas a maior parte da tripulação dum patacho português, natural de Ilhavo, que de encontro á praia de Paramos se havia despedaçado. Era, infelizmente, verdadeira a noticia, que, correndo de bôca em bôca, ainda mais alvoroçou as centenas de pessoas que a praia comportava naquele doloroso e infortunado dia.

Narremos: Comandado pelo capitão Manuel da Rocha Deus, de 36 anos, casado, natural de Ilhavo, homem novo, como se vê, mas um arrojado marinheiro, tinha há pouco regressado do Rio de Janeiro, com escala por Lisboa, trazendo um importante carregamento constituido por açucar, café, chá, farinhas, aguardente e ainda outros artigos dos quaes parte descarregou na capital, destinando-se os restantes ao Porto, para onde seguia, o patacho *Gouveia*, pertencente ao sr. José Joaquim Gouveia, armador daquela praça.

O navio, que tinha apenas 12 anos, era de 1.ª classe, carregava 500 toneladas e sendo considerado tambem um belo barco podia valer atualmente para cima de quarenta contos.

Feita a descarga em Lisboa, saíu do Tejo na manhã de quarta feira da semana finda, chegando á vista do farol da Luz na noite do dia imediato. Agarrou-o portanto o temporal e tomando o capitão todas as precauções afim de evitar qualquer sinistro, assim se aguentou todá a noite até que ao amanhecer do dia imediato se fez ainda mais para o largo, com rumo ao norte.

Durante a viagem, conta um dos sobreviventes, veio sempre debaixo dum temporal desfeito, tendo sido com grande trabalho e sacrificios da tripulação, que o navio chegou á vista do farol da Luz.

Tendo durante o dia de sexta-feira conseguido aguentar-se, bem como nessa noite e tambem no sábado, ao fim da tarde desse dia uma especie de furacão mergulha os panos, que esfarrapa, deixando o patacho em critica situação, pois o impelia para terra o medonho vendaval cada vez mais violento. Impossivel se tornava ir colocar novos panos visto o mar ser tanto que de momento a momento cobria o navio do qual já havia arrancado parte da borda por onde o contramestre Manuel Simões Ré se ía escapando se não se agarra a uma taboa e não lhe acóde, rapido, o capitão com toda a valentia. Este, vendo que o *Gouveia* era impelido com extraordinaria violencia para a praia, mandou lançar os ferros ao fundo e assim conseguiu aguentar-se até perto das 22 horas. Nessa altura, ou por motivo das correntes se terem quebrado com a impetuosidade do mar ou porque os ferros garrassem, o patacho seguiu, impelido com extraordinaria violencia contra a praia onde se desfez.

Foram esses, como é facil calcular, os momentos de maior angustia.

Vendo tudo perdido e impossivel qualquer socorro, o capitão ordena aos seus marinheiros que se atirem ao mar com o fim de tentarem o salvamento, o que foi cumprido com a maior serenidade, vestindo todos coletes salva vidas. Apenas dois dos tripulantes deixaram de executar aquela ordem, parece que por motivo da sua edade já avançada e por tanto receiosos que as forças lhes não permitissem chegar a terra. Preferiram morrer no seu posto.

Terrivel momento esse em que abandonaram o navio e se atiraram á agua!

O mar, encapeladissimo, envolvia os pobres naufragos, que no meio daquele abismo enorme lutavam sem ao menos terem um farol por onde se pudéssem guiar!

E, assim é que, com extraordinarios sacrificios conseguiram alcançar terra apenas tres tripulantes: Antonio Lopes Rodrigues, de 52 anos, casado, residente no Porto; Manuel Joaquim Rufino, de 25 anos, natural de Ilhavo e Ramiro Nunes Ramirote, de 17 anos, solteiro tambem de Ilhavo. Todos os restantes companheiros, em numero de seis, pereceram afogados e são eles o capitão Manuel da Rocha Deus, de 36 anos, de Ilhavo; o contra-mestre Manuel Simões Ré, de 65 anos, casado, de Ilhavo; Miguel Caetano, de 60 anos, casado, do Porto, mais conhecido pelo *cabo Miguel*; José dos Santos Pizarro, de 50 anos, casado, de Ilhavo; Manuel Francisco do Nascimento, argentino e Manuel Russo Loureiro, casado, de Ilhavo.

Perante tamanho infortunio só nos resta curvar-nos em sinal de sentimento pelos que perderam a vida vitimas do dever e da sua abnegação pelo trabalho.

O comercio de exportação

—(*)—

A *Capital* volta á carga a respeito do wolfram, cacau, cortiça, controle e libra, nos seguintes termos:

«Ha quem pretenda fingir que não percebe as razões sérias e claras em que fundamentamos os nossos comentarios sobre o wolfram e quem afirme, com impagavel ar de esperteza, que os negociantes e exportadores viviam calados quando o preço do wolfram era mais baixo e o cambio estava mais alto, ao passo que choram e se lastimam agora, quando o preço é mais elevado e o cambio mais baixo.

Ora não se trata do que ganham os negociantes e os exportadores, quer de wolfram, quer de cacau, quer de cortiça, neste momento em que as mais variadas crises tudo assoberbam e que tudo está seis vezes mais caro, faltando carvão para os transportes, faltando até o bom senso... Não se trata do que ganham os negociantes e os exportadores, como não se trata do que ganha qualquer advogado, ainda o de más causas. Trata-se apenas disto, que é bem claro, bem simples e bem lamentavel: o precedente dum *controle* que afronta os brios nacionaes, antes mesmo de ferir a bolsa nos legitimos interesses. Tal o caso do wolfram.

O caso do cacau não é menos deprimente. Estamos proíbidos de o vender directamente para a Holanda, mas podemos vendê-lo para a Inglaterra ao célebre Cadbury, que o venderá por bom preço á Holanda, provavelmente já isento da macula que o mesmo Cadbury, numa das mais infames campanhas de descredito que se tem feito, lhe atribuiu... E eis porque a libra se comprava hoje a 8 escudos e 10 centavos, não tardando que esteja a 9 escudos!

Quanto a interesses adjacentes, crêmos que com efeito existem e nenhuma duvida temos em referilos, quando chegar o momento oportuno».

E não ha um ministro, um governo, seja quem fôr, que apure e depure estas infamias abertamente referidas por jornaes insuspeitos, como a *Capital*, que não póde ser acusada de germanofila nem de talassa!

Que desilusões sucessivas cáem por sobre as nossas cabeças!

JUNTA GERAL

Deve reunir ámanhã ás 14 horas, segundo a convocatoria dirigida a todos os procuradores em exercicio pelo seu digno presidente sr. dr. Antonio da Silva Carrelhas.

Silverio Rocha

Foi nomeado adjunto da Capitania do porto de Aveiro, cargo que deve assumir por estes dias, o nosso amigo sr. Silverio da Rocha e Cunha, 1.º tenente da Armada, a quem por tal motivo felicitâmos, folgando com a acertada nomeação, que recaíu num oficial a todos os respeitos digno da comissão que vem desempenhar.

O Maçarico

Até que a morte deu com ele, arrancando-o á infelicidade, á miseria, ao vicio.

O *Maçarico* era um dos raros tipos populares de Aveiro. Não vivia: vegetava, porque o alcool o tinha transformado num verdadeiro inconsciente. Comia dos quarteis; algum vintem que, por esmola, conseguia, era para vinho e á noite deitava-se ou numa cocheira, ou num curral ou numa cabana quando lhe não servia de leito o proprio pavimento das estradas.

Era o que se chama um desgraçado. Mas no meio da desgraça conseguiu aportar aos 57 anos, sucumbindo ao desabrochar deste inverno talvez porque tivésse vindo mais cêdo do que ele esperava.

A terra lhe seja leve.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

O Castélo da Feira

—(*)—

NOVA CARTA

... Sr. Redactor do *Democrata*

O sr. Humberto Beça é um critico excepcional.

Faz-nos acusações gráves. Ele achará pouco gráve a arguição de que, em poucos anos, nós transformaremos o historico Castélo da Feira numa abegoaria?

Depois de nos fazer estas e outras arguições gráves, diz-nos que não são arguições, mas sim méras apreciações!

Ao mesmo tempo, envia-nos um atencioso oficio, que só nós lemos e ao qual respondemos com igual atenção. E em seguida, estranha que eu venha defender, em publico, a comissão do Castélo, da qual me honro em ser secretário, das arguições gráves que ele nos fez publicamente.

Bem notavel e bisantina é esta estranheza!

Depois confessa que, nessa defêsa, eu fui delicadissimo. E por fim, reincide desgraçadamente!

O sr. Beça é, pois, um reincidente. Como tal carece de ser tratado.

Ha que pôr de banda a ironia leve que castiga brandamente, e articular em breves mas sevéras palavras a acusação de quem delinquiu, com a agravante da reincidencia, já agora indesculpavel.

Constituiu-se aqui na Feira, ha sete anos, uma patriotica comissão, formada das mais qualificadas pessoas deste concelho, para acudir ao desmoronamento do historico Castélo que o Estado, cuja pertença é, votou sempre ao mais completo abandono, como de resto sucede com outros monumentos similares.

Ele nunca tivéra guarda. E portanto o vandalismo campeava infrene lá dentro, tudo destruindo.

O arvoredo silvestre que brotava espontaneamente, enraizando nas escarpas, fazia-as desabar uma a uma, despenhando-se em seguida as muralhas, cujo material obstruia pateos, galerias e as demais dependencias inferiores, todas muito interessantes.

A propria torre de menagem, que é imponente, faltando-lhe o apoio das muralhas desmoronadas, chegou á mais alarmante ameaça de desmoronamento tambem.

Desde 1909, esta patriotica comissão mantém lá um guarda que abre a porta aos visitantes; fez as vedações precisas, para que o rapazio malévolo lá não entrasse por toda a parte como até então; desobstruindo tudo, removendo entulhos, repondo cuidadosamente muitas e muitas pedras no seu logar; realisou emfim obras de conservação definitivas e outras de consolidação provisoria e inadiavel que a todo o tempo pódem ser apeadas, para a reconstrução de rigor que é dispendiosissima, como é obvio.

Depois destas obras realisadas, veio aqui uma comissão de altos funcionarios do Estado, membros do Conselho Superior de Arte Nacional e de Arqueologia e vogaes da Comissão dos Monumentos Nacionaes, e achando bem as obras realisadas, espontaneamente propõe ao governo que, em Portaria, *fosse louvada a comissão local pela solicitude e prudencia com que realisou essas obras.*

Depois disso, chega ao Castélo o sr. Humberto Beça, professor de comercio no Porto, e censura essas mesmas obras, exarando no *Democrata* que nós, os da comissão, *fizemos uma tristeza de remendos, que temos a mais completa falta de noção do bom senso artistico;* depois, *protesta contra a fórma desastrada como foram feitos os reparos no Castélo*, e por fim acrescenta impávido, *que dentro em pouco transformaremos o Castélo numa especie de abegoaria!*

Eu, em nome desta comissão, que não é composta de analfabetos, como poderia supôr quem lêsse aqueles divertidos dizeres, mas antes é constituida, na sua grande maioria, de homens com um curso superior, todos respeitaveis e em idades mais ou menos avançadas, ocupando até, alguns deles, cargos publicos dos mais proeminentes, como por exemplo o dr. Abel de Pinho, presidente do Supremo Tribunal de Lisboa, o professor Candido de Pinho, director da Faculdade de Medicina do Porto, o dr. Elísio de Castro, senador da Republica—eu, repito, em defêsa desta comissão, com uma benevolencia que ultrapassa todos os limites da tolerancia, capitulei o snr. Humberto Beça de *leviano*. E ele acha muito! Quando, em bôa verdade, o devia capitular de destituido de senso comum, porque era só essa a justa qualificação que ele merecia, mesmo antes da reincidencia!

De quanta balôfa vaidade é preciso que o sr. Beça se encha, para que, do alto da sua catedra de professor de comercio, ele persista em pretender que o seu parecer sobreleve ao autorisado parecer de arqueologos, arquitetos e engenheiros, os idóneos profissionaes da Arte, que pela sua elevada categoria mereceram ocupar as altas cadeiras do Conselho Superior de Arte Nacional e de Arqueologia!

Só se explica o facto—não tem, nem póde ter outra explicação—pela absoluta ausencia, não já do *bom senso artistico*, de cuja falta ele nos argue, mas sim do mais comesinho senso comum, de que o sr. Beça é evidentemente e totalmente falho.

Demais, o sr. Beça, na sua desorientação (ele diz que o meu artigo o não desconcertou!) até se confessa parcial, o que é uma agravante de tômo.

Veja-se que, no seu primeiro artigo, ele, **unicamente** nos censura, *protestando contra a fórma desastrada como estão sendo feitos taes reparos no Castélo.*

Ele não exclue *uma unica* das nossas obras, nesta sua pesada censura.

Eu, muito longanimamente, ainda tentei coonestar a desgraçada situação em que o sr. Beça tão levianamente se tinha colocado, dizendo que ele nem déra pelas definitivas e bôas obras que fizémos, quando não, seria imparcial, censurando-nos por umas, mas louvando-nos pelas outras.

E afinal, ele acaba por confessar que sim, que viu essas bôas obras, *que são perfeitas e dignas do maior louvor!*

Porque o não disse logo no primeiro artigo?

Quem aprecia, em publico e razo, serviços de outrem, e os qualifica de *desastrados*, sem exclusão dos que eram *dignos do maior louvor*, só merece ser capitulado de maldizente.

Temos assim logicamente de concluir que o sr. Beça é um destes numerosissimos profissionaes da maledicencia que, sem geito nem preceito, tudo criticam, tudo censuram, tudo malsinam por este país fóra de eternas luminarias e sempiternos criticos, que por aí pululam, como os encontradiços cogumélos ruins, ao lado dos raros cogumélos bons.

Mas como isto ainda não basta á situação desgraçada do sr. Beça, ele, ainda na sua desorientação pela minha quasi dôce (não chegava sequer a ser agridôce) resposta ao seu artigo, bem provido de maledicencia e totalmente desprovido de senso comum, ele, até vem desmentir-se!

Assim é que, no seu primeiro e infelicissimo artigo, ele critica os inocentes postaes que estão á venda para o vulgar do publico, que é quem os compra (ele diz que não, que são os homens de Arte) e critica-os *pela sua mizeria de perspectiva e detalhes, pela sua infelicidade de aspectos que revolta, màl colhidos pela objectiva do infeliz fotografo que tão pouco viu na curiosissima obra.*

Digo-lhe eu daqui que os clichés de esses postaes são obra dum profissional habil, e o sr. Beça desmente-se agora, achando que estão bem e os alemães é que estragaram tudo. Como se os alemães, coitados, além da camiza de onze varas em que se meteram, tivessem alguma coisa tambem que vêr agora com *a mizeria das perspectivas e com a infelicidade dos aspectos e do fotografo!*

Eis a consistencia da acerba critica dum profissional da maledicencia indigena!

Tudo o mais que lá vem na desgraçadissima contra-resposta, espremido, não dá nada que valha reparo.

Mas se o sr. Beça tem coragem de insistir e V., sr. redactor, tem espaço, encontrar-me-á sempre na melhor disposição, ainda que o vagar seja pouco, de deixar os leitores do *Democrata* bem saturados de esclarecimentos sobre este assunto.

E... o Castélo da Feira tudo merece.

Aceite V., com os meus agradecimentos pela publicação desta, os protestos da minha consideração e estima.

Feira, 21 de novembro de 1916.

Aguiar Cardoso
Secretário da Comissão do Castélo

Principio de incendio

Por volta das 4 horas e meia de sábado deu a torre dos Paços do concelho sinal de alarme, chamando os socorros publicos para o bairro piscatorio onde se dizia estar em risco de ser devorado pelo fogo um predio do sr. Luiz da Cruz Novo.

Felizmente a tanto não deu origem um pouco de petroleo que se inflamou visto terem alguns populares, alarmados com os gritos das pessoas da casa, acudido a tempo de obstarem á propagação do incendio.

Notas mundanas

Visitou-nos na quarta feira o nosso estimavel colêga do Povo de Cambra, *sr. Antonio Aguiar que dentro em pouco conta ir ao Pará com demora de alguns mezes.*

Agravaram-se em Mamodeiro os padecimentos da espôsa do sr. dr. Almeida Seabra, tendo vindo de Coimbra para uma conferencia com o seu medico assistente, dr. Abilio Marques, o conhecido clinico sr. dr. Daniel de Matos.

Está na sua casa de Angeja onde conta demorar-se algum tempo o conceituado comerciante em Olhão, sr. Manuel Nunes da Silva.

Seguiu para o Porto a fim de se sugeitar a uma melindrosa operação, que já sofreu, o sr. Serafim Rodrigues Pereira, cujo estado, segundo noticias recentes, não é nada satisfatorio.

Deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do sr. dr. Alberto Ruela, contador da comarca.

Está de cama devido a ter-se lhe manifestado a grippe, o sr. Manuel Marques da Cunha.

Após alguns dias de permanencia em Esgueira retirou ante-ontem para a capital o nosso amigo sr. José Mateus Farto.

Retirou para Vendas Novas o alferes medico, nosso conterraneo, sr. dr. José Vieira Gamelas.

Pela instrução

Um decreto publicado no *Diario* de sexta-feira passada torna extensivos ao ensino do liceu de Aveiro os cursos complementares de sciencias e letras e fixa o praso de 10 dias para as respectivas matriculas.

E' este um beneficio prestado á instrucção e á cidade pelo qual a Câmara Municipal de Aveiro tanto se interessou e que finalmente vê agora realisado.

Aveiro é uma terra que oferece aos estudantes esplendidas condições economicas de vida, podendo os alunos de outros liceus que queiram frequentar o Liceu Central de Aveiro, desde já solicitar a sua transferencia.

Medida acertada

Pelos frequentadores do teatro foi no dia 16 do corrente distribuido o seguinte aviso:

A Direcção do Teatro Aveirense vem por este meio prevenir o publico que frequenta o teatro—e, tão sómente se dirige aos que desejam assistir aos espectaculos com socego e decencia—de que, em sua ultima sessão, deliberou não vender aos domingos *bilhetes de geral* visto ser ali o principal fóco de disturbios e assuadas. E' necessario saber-se que a Direcção trabalha no interesse da *colectividade* e não em seu interesse *proprio*, e que os seus membros foram eleitos para zelar os haveres dos srs. accionistas que dispenderam os seus capitaes (sem até hoje terem auferido lucro algum) para dotar a cidade com um grande melhoramento, com fim moralisador, e não para fomentar máus exemplos de toda a especie, que são a perturbação da ordem e da decencia e que consequentemente conduzem á pratica de máus costumes que a propria dignidade dos espectadores não póde nem deve admitir. Mais deliberou que em todos os dias de espectaculos não sejam vendidos bilhetes a pessoas mal trajadas e que *pelo seu estado de espirito* não possam serenamente assistir ás representações, reservando a Direcção para si o criterio dessa escolha visto saber de antemão a quem se dirige pela pratica e conhecimento que tem dos frequentadores.

Isto quer dizer tão sómente que reconhecendo a Direcção do teatro a impotencia da policia para meter os discolos na ordem, está ela disposta a sacrificar os proprios interesses como unica defêsa a opôr aos disturbios e ás indecencias que, principalmente nos espectaculos cinematograficos dos domingos, se vinham praticando e repetindo sem què a autoridade, apezar de instada, lhes puzésse côbro. Bem andou e não lhe regatearemos louvôres por isso. Mas já que teve de lançar mão dum tal expediente entendemos nós e entende muita gente que o reforço policial no domingo por todos notado, não tem razão de existir quanto mais continuar. Se a policia não serve, não tem força, é falta de prestigio para manter a ordem nas casas de espectaculos, dispensa-se. Nós se pertencessemos á direcção do teatro não exitariamos um momento. E ficáva tudo arrumado com honra para o sr. comissario que, como pessoa *competentissima* para estar á frente da corporação, não podiam achar melhor nem mais barato...

"Historia da Guerra Europeia,,

Chegou-nos o tômo n.º 30 desta bem elaborada publicação que a *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, lançou no mercado ao preço de 5 centávos.

Insére o diário da guerra desde 1 a 31 de Março do corrente ano e em nitidas gravuras uma vista panoramica da cidade de Bagdad; orfãos servios chegados a Marselha e dirigindo-se do cáes do desembarque para o local do seu alojamento provisorio; destroços causados pelas bombas dos zeppelins em Londres e uma casa que ao derruir fez 10 vitimas.

Não se póde exigir mais e é muito de louvar a iniciativa da casa editôra, pondo assim ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

PELA IMPRENSA

"Pró Soldado,,

E' o titulo dum numero unico que se publicou na Beira, Africa Oriental, comemorativo do 6.º aniversario da Republica Portuguêsa.

Edita-o o sr. Oliveira Lança, a quem pertencem quasi todos os artigos, e o produto da venda reverteu a favor da Sociedade Portuguêsa da Cruz Vermelha que dessa generosa e patriotica iniciativa algum lucro devia tirar.

"O Futuro,,

Explica este nosso colêga louzanense que por virtude da retirada dos seus fundadores passará a denominar-se *Comercio da Louzan* a partir do dia 1 do proximo mez.

"A Evolução,,

Acaba de passar o seu 3.º aniversário. Orgão evolucionista de Vila Real, esse facto não implica que deixemos de ter para com ele as atenções que sempre nos mereceram os leaes adversarios e por isso o felicitâmos, acompanhando os que sincéramente lhe tributam a sua estima.

PROPAGANDA DE PORTUGAL

A sua obra--As suas ultimas realisações

Absolutamente conscia do seu dever, compenetrada de que da sua acção depende, principalmente, a vulgarisação do país, tanto cá dentro como no estrangeiro; certa de que do seu esforço persistente pódem advir beneficios do maior alcance, a *Propaganda de Portugal* não descurou ainda, nem por um instante, a sua missão eminentemente patriotica, empregando para a levar a cabo todos os elementos ao seu alcance, e pondo ao serviço das suas iniciativas a maior boa vontade, a maior persistencia, não desmerecendo nem por um momento na campanha que encetou, ao fundar-se, em favor do desenvolvimento do turismo português. Assim, a *Propaganda* procura alargar dia a dia a sua esfera de acção, interessando na sua obra o maior numero possivel de pessoas, levando a sua influencia a toda a parte onde ela póde ser util e fecunda. E' em obediencia a este critério que a *Propaganda de Portugal* tem procurado constantemente multiplicar as suas delegações, por saber que elas, nas terras onde se instalarem, constituirão nucleos apreciabilissimos de progresso local e serão a demonstração prática da proficuidade de agremiações como a *Propaganda*, que desinteressadamente procuram ser uteis ao seu país, trabalhando pelo seu progresso, pela sua civilisação, pela sua cultura, cada vez maiores e mais evidentes.

Este ano, por exemplo, o esforço da *Propaganda* tem sido coroado do melhor exito. Seria fastidioso enumerar tudo o que se tem feito, mas é, sem duvida, util apontar os feitos mais salientes, que ficam caracterisando a acção da *Propaganda*, porque deles, com certéza, bastantes beneficios devem resultar. Inaugurou-se, por exemplo, a Delegação das Caldas da Rainha, a qual ficou contando com o concurso das pessoas mais gradas dessa excelente estação termal, cujas belezas naturaes e magnificas condições para o turismo muito convem conhecer. Na mesma vila, centro duma região previlegiada, onde o clima é suave, mesmo no pino do inverno, a *Propaganda*, de acordo com o director do Observatorio D. Luiz, conta tambem estabelecer um posto meteorologico, que muito contribuirá para a vulgarisação das Caldas da Rainha como estação climaterica das mais bem dotadas de Portugal. A' Delegação das Caldas, seguiu-se a de Amarante, inaugurada ha pouco ainda, tambem sob os melhores auspicios e patrocinada pela melhor gente dessa vila lindissima, das mais pitorescas que possuimos. A dois passos do Marão, banhada por dois rios, situada numa região cheia de encantos, Amarante bem merecia um organismo que a vulgarisasse e tornasse conhecida. E' isso o que vai fazer a Delegação da *Propaganda de Portugal* que ali acaba de estabelecer-se.

Além destas, outras Delegações se fundarão ainda em breve, como por exemplo as de Vizeu, Aviz, Vila Viçosa, Niza e Albufeira, estando muito adiantadas as negociações que foi preciso entabolar para se levar a cabo mais essa grande obra de expansão em que a *Propaganda* anda empenhada.

Por tudo o que tem feito e está fazendo em beneficio do país, a *Propaganda* merece bem os respeitos e as simpatias de todos.

Assim Aveiro o compreendesse, seguindo na esteira dos que pugnam e se interessam pelo desenvolvimento do seu torrão natal.

TRANSCRIÇÕES

Os nossos presados colegas *Correio da Feira* e *Democrata Feirense* dignaram-se trasladar para as suas colunas os artigos que este jornal publicou já sobre o Castélo, preciosa reliquia historica do nosso distrito, e devidos á penna dos snrs. Humberto Beça e dr. Aguiar Cardoso.

PANCADARIA

No domingo deu-se a desoras um violento conflito entre alguns militares que se encontraram numa casa das vigiadas de perto pela policia, no bairro da Fonte Nova, sendo preciso que um oficial de patente superior, chamado a toda a pressa, ali acorresse para serenar os animos.

A barafunda foi de tal ordem que não ficou nada inteiro dentro do predio, vendo-se as paredes pintalgadas do sangue jorrado das cabeças de alguns dos contendores, que de lá saíram num S. Francisco.

Mas divertiram-se...

Agradecimento

José dos Santos, mestre de corneteiros do regimento de infanteria n.º 24, e sua familia, agradecem por este meio a todas as pessoas que lhe manifestaram pezar pelo falecimento de seu querido filho Alfredo dos Santos, estudante da 5.ª classe do liceu de Aveiro, e ás que o acompanharam á sepultura, especialisando a Academia, o snr. reitor do liceu e mais professores, manifestando a todos o seu profundo reconhecimento e gratidão.

Aveiro, 17 de novembro de 1916.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.	

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

O busto

Ultimos écos duma consagração

Tarde amena e tranquila, que uma brisa tépida e leve completa. O sol ilumina em cheio a alameda que vem até á fachada do grandioso templo de Santo Antonio do Mudo. Centenas de arcos de verdura, metodicamente espaçados, sustentam miriades de luzes de encantador efeito e de variadissimas côres. O espectaculo é surpreendente. Uma multidão anciosa estende-se em filas compactas desde a entrada do magnifico templo até muito abaixo. A força, que mantém a ordem, é dirigida pelo proprio comissario de policia, ajudado nesta tarefa pelo *ilustre* administrador do concelho, coadjuvado ainda pelo snr. Encarnação, amanuense do governo civil e pelo Secretário da Estatistica, amigo intimo deste.

Os numerosos espectadores agitam-se, preparando-se da melhor fórma para vêr chegar o cortejo que se divisa ao fundo, envolto em densa nuvem de pó, que o sol doura. Sóbem dezenas de automoveis, trens, bicicletas, seguidas de infindos curiosos, que uma salva de morteiros saúda com 101 tiros (salva imperial), emquanto a lendaria banda de Frossos executa com mestria inegualavel o hino nacional, anterior a 5 de Outubro de 1910.

A policia vê-se em sérios embaraços para evitar que o templo seja invadido antes da entrada do cortejo, que atinge afinal a porta principal do riquissimo mosteiro. Emquanto vão ocupar os logares que lhe são destinados as várias colectividades ali representadas, a imprensa, auctoridades, funcionalismo, etc., descem do altar-mór os irmãos que, de opas e brandões acêsos, veem receber o festejado, que transpõe os hombraes do historico monumento sob uma chuva de pétalas de rosas... tiranas e outras flôres, ecoando nesse momento por toda a amplidão, um cantico tão melodioso, tão *docement* encantador, tão enlevado, que logo acordou no espirito de todos a sua procedencia. Era o *côro de Santo Antonio*, o já imortal e assás conhecidissimo *côro*, que ali estava em homenagem ao glorioso *jornalista*, seu protector. Era ele, sim, era ele em carne viva, no seu mais completo conjunto—*Palma* ao centro, empunhando o violoncelo, olhar de machacaz, para a direita e para a esquerda, no... cuidado que sempre lhe merece a regencia... das *filhas de Maria*.

D. Chrispula Santareno canta, a sólo, a magnifica área do *Otélo*:

Chega-te á minha beira,
Que esta vai a teu respeito,

saudando o festejado.

A multidão, que enche já á cunha o vasto templo, procurando assistir ao comovente espectaculo, extasia-se perante a deslumbrante ornamentação, toda a azul e branco, com guarnições a prata e ouro, dum efeito e riqueza surpreendentes.

De novo se faz ouvir o *harmonium*, e o côro irrompe:

Ah! Olari, ló, lé,
Como este não ha nenhum,
Tudo bate em Portugal
O fado do trinta e um!

Terminado o cantico principia o *Te-Deum*.

Quando da estrofe: *pleni sunt celi et terra gloria tua*, surge no pulpito o Pato, com aquela cara que Deus lhe deu. O Gil contempla-o do altar, com ares de marau, seu melhor predicado, de mistura com as empigens que lhe salpicam a ingenua e candida... focinheira. Faz-se um silencio profundo e emquanto o orador ajoelha, ouve-se de novo uma dulcissima voz acompanhada em *pizzicato*, que diz como só o sabe D. Restituta de Zamora Amora a *Avé Maria*, do Trovador:

Rebenta a bexiga,
O' zé, ó zé, ó zé!

Terminado o sólo, dá principio ao seu belo discurso o erudito orador, que prende cêrca de duas horas a atenção dos ouvintes e póde dizer-se, sem exagero, tem-os suspensos dos labios durante esse tempo. E tem beiças para isso!

Refere, com copiosas minudencias, os primitivos ensaios vinhateiros desde Noé; a primeira taxada que este apanhou, seus efeitos e influencia na sociedade cristã até nós, o aumento consideravel e persistente dos adeptos e admiradores do divino licôr, não metendo em linha de conta os oitenta mil fradalhões de todas as categorias que transformaram os estomagos em pipas e os conventos em adegas; condena em fráse vibrante, salpicando a assistencia com consideravel numero de perdigotos, o acto de Antonio Augusto de Aguiar, o amaldiçoado *maçonico* que tinha acabado com as fradescas seitas no país, irmão gemeo do outro malvado, Afonso Costa, que extinguira as comunidades do belo sexo, que tantos transtornos veio trazer ao clero de batina e sem ela. Não fala por despeito. Ele não fôra atingido, apezar de muita gente supôr que facilmente o levam á gloria... Toda aquela homenagem é nada para o valor dos merecimentos do festejado, a quem bastaria o *levantamento do nivel* para imortalisa-lo. E num repto de soberba eloquencia, de que nos é inteiramente impossivel dar sequer um palido reflexo, o orador, enaltece a excepcional grandeza de espirito, talento e moralidade do homenageado em todos os campos da actividade humana.

Por fim lê um telegrama do Papa, assinado pelo cardeal Gasparini, em que o sumo pontifice envia a sua benção especial ao *jornalista que levanta o nivel*, e dá a sua oração por terminada.

Cá fóra estouram os morteiros; as musicas executam hinos festivos, os foguetes queimam-se aos milhares, o carrilhão do templo atroa o espaço com o badalar dos seus 69 sinos e o côro de Santo Antonio irrompe então:

O' minha Carabú,
Dou-te o meu coração,
E's a minha paixão
Para mim só tu
Minha Carabú.

Depois da colocação do retrato do *Bébes* em todos os mictorios da cidade, a festa em sua honra organisada no dia de S. Martinho, é das que hão-de perdurar para todo o sempre no poderoso cerebro da maior cuba do universo.

NOVA FABRICA

No proximo domingo, realisa-se em Macieira de Cambra, com grande pompa, a inauguração da importante fabrica de lacticinios, unica no seu genero no país, propriedade da firma Belard da Fonseca, L.ª.

Tanto o numero de convites, que é avultado, como outros factores, deverão por certo concorrer para que a festa da inauguração atinja colossaes proporções.

Aos seus proprietarios apetecemos as maiores prosperidades e progressos.

REGEITAS E INVENTOS

—=(*)=—

Agora que tudo está caro e que é tão dificil encontrar onde se tinja com o emprego de côres fixas querem por certo os leitores uma receita, por meio da qual se dê uma outra côr aos panos com que nos cobrimos. No fabríco dessa tinta entram diferentes produtos quimicos em percentagens variadas, conforme o tom que procuramos. Só a pratica nos ensina a misturar com precisão para um determinado tom *roxo*, por exemplo, uma certa quantidade de sarro. O sarro, como todos sabem, tambem encareceu com o vinho. Nem toda a vazilha dá bom sarro e só depois de bem avinhada se póde raspar até á madeira. O sarro entra para todos os tons e de ai a particular atenção que lhe devemos dispensar, pois pódem considera-lo como elemento de primeira necessidade.

Devemos ter muito cuidado na escolha do sarro. Só o sarro de bôa vasilha é o de primeira qualidade. Encontra-se com facilidade e por preços modicos, visto que parou a exportação para a Alemanha, na auto-motora de sarro em casa do *Bébes*. Este homem ganhou uma fortuna na exploração da industria do sarro com uma maquina aperfeiçoadissima—o estomago. Dizem que ao meter na maquina a materia prima, nem a trinca.

Mais ha de grande utilidade.

A pomada para limpar metaes que se vende em caixas pequenissimas, por preços exorbitantes, póde ser substituida com vantagem por raspas de veado. A auto-motora de sarro anexou tambem numa dependencia da casa do compadre esta util e rendosa industria. A materia prima é caseira e inexgotavel...

Ha a *porcalina*, substancia que só de mez a mez é tirada da pele do director da fabrica, recomendada para adubar terras destinadas ao cultivo da batata... inglêza. Fabríca tambem gazes sulfidrico-asfixiantes que são consumidos na propria fabrica pelo director, que inventou recentemente um aparelho por meio do qual méde o seu *estado de espirito* antes de ir para o cinêma. Isto para não fazer fraca figura...

E' que—*le monde marche*...

Quim & Necas

Ultima hora

—=(*)=—

Ainda o naufragio do "Desertas„

Depois de redigida e composta a desenvolvida noticia que dâmos do naufragio do vapor *Desertas*, sômos informados de que o comandante do navio de salvação *Patrão Lopes*, depois de examinar detalhadamente o barco encalhado, emitiu o parecer de que talvez seja possivel o seu salvamento, dependendo ele apenas de certas circunstancias que só o tempo determinarão.

Os naufragos continuam na Costa Nova alguns dos quaes hospedados em casa do sr. Jeremias Vicente Ferreira a quem estão muito reconhecidos pela maneira afavel como teem sido tratados.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 21

No dia 18 do corrente morreu afogado na grande cheia do rio Vouga, Marcolino Corrêa de Melo, casado, artista, do lugar do Ameal desta freguezia. Na ocasião em que conduzia para terra uma bateira carregada de lenha era tal a ventania que aquela sossobrou, sendo ao Marcolino impossivel nadar muito tempo por se achar vestido e com o casaco abotoado. O infeliz só apareceu no dia 19 de manhã, tendo um funeral assaz concorrido. Era eximio pescador e caçador de lontras pelo que se póde dizer que foi um pato que morreu na agua.

=Tambem faleceu ontem Tereza Pulga, uma infeliz que toda a sua vida sofreu doenças e fome.

=O temporal por aqui fez bastantes estragos, havendo muitas casas destelhadas e arvores caídas por terra.

C.

CAMARA MUNICIPAL DE OVAR

Concurso

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Ovar faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação no *Diário do Governo* para provimento de um logar de zelador municipal creado por deliberação da Câmara de 6 de Novembro de 1914, com as atribuições constantes dessa deliberação, com o vencimento anual de 144$00, pago em duodecimos.

Os concorrentes deverão apresentar durante o referido praso, na secretaría da Câmara os seus requerimentos instruidos em conformidade do decreto de 24 de Dezembro de 1892.

Ovar, 15 de Novembro de 1916.

O Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Valente de Almeida